

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E MOTIVOS DO CURSO  
**PARA BEM ESCREVER NA LÍNGUA PORTUGUESA**

“Não é coisa de qualquer homem impor nomes, mas de um ‘nominador’. E este é, ao que parece, o legislador, que naturalmente é entre os homens o mais raro dos artesãos.”

SÓCRATES/PLATÃO

“A linguagem é figura do entendimento: e assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa.”

FERNÃO DE OLIVEIRA

“A pena é língua da alma; quais forem os conceitos que nesta se engendraram, tais serão seus escritos.”

DOM QUIXOTE

“A gramática de uma língua é a arte de [escrever e pois de] falar corretamente, isto é, conforme ao bom uso, que é o da gente educada.”

ANDRÉS BELLO

“A prevenção mais desfavorável [...] é a daqueles que julgam que em gramática as definições inadequadas, as classificações malfeitas, os conceitos falsos carecem de inconveniente, desde que, por outro lado, se exponham com fidelidade as regras a que se conforma o bom uso. Eu creio, contudo, que essas duas coisas são inconciliáveis, que o uso não pode expor-se com exatidão e fidelidade senão analisando os princípios verdadeiros que o dirigem, porque uma lógica severa é indispensável requisito de todo e qualquer ensino.”

ANDRÉS BELLO

“A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo.”

ANTOINE RIVAROL

“Amo-te, ó rude e doloroso idioma, / Em que da voz materna ouvi: ‘meu filho!’”

OLAVO BILAC

DEIXADA À DERIVA, sem regras que a dirijam, como hoje querem muitos que, porém, o mais das vezes, defendem sua tese sem nenhuma deriva, a língua seria como as águas de um rio, puro fluxo, a ponto de não poder falar-se duas vezes como a mesma língua.

Isso, no entanto, é pura negação do óbvio: é *parte intrínseca* de toda e qualquer língua *ter regras*; é o dique ou comporta sem a qual ela de fato fluiria e fluiria sem nenhuma permanência. E, com efeito, pai algum, mãe alguma, se dotados ao menos do ínfimo senso natural de cuidado e educação da prole, deixarão de corrigir o filho se ele disser algo *errado*. Se o pequeno disser, por exemplo, “zinza” em vez de “cinza”, tal pai e tal mãe não hão de calar-se nem, muito menos, de deleitar-se com mais essa novidade de uma permanente deriva linguística.

E de fato os propugnadores da tese da língua sem regras não conseguem ver que sem estas nem sequer se poderia propor sua tese – simplesmente porque nem sequer haveria nenhuma língua. Bem sabemos que se retrucará: “Mas as línguas mudam constantemente...” Impossível negá-lo. Todavia, mudam em duplo sentido: no primeiro, corrompendo-se, não raro até ao desaparecimento; no segundo, progredindo.

Corrompem-se mais aceleradamente quando, entre fiapos de civilização, há apenas as regras intrínsecas da fala: essa é a razão por que as línguas ágrafas tendiam (e tendem) incessantemente à desordem de seus paradigmas e de seu próprio quadro fonético. Menos impetuosamente quando, em meio a uma verdadeira civilização universal (ou tendente à universalidade), se tem a escrita com sua arte própria e especial, a Gramática. – Mais ainda, neste último caso as línguas podem tender até a grande estabilidade: foi o que se deu com o latim ao tornar-se idioma altamente normatizado e ordenado à Ciência e à Sabedoria.

Progridem, por outro lado, mediante sobretudo a escrita e sua Gramática, quer quando fecham um novo paradigma, quer quando criam e incorporam a seu léxico palavras ou acepções que expressem novas concepções da realidade. E tanto mais progredirão quanto mais cultivadas forem, ou seja, quanto mais se valerem delas e as aprimorarem verdadeiros mestres. Foi o caso, por exemplo, de Platão e de Aristóteles com respeito ao grego antigo: não só lhe deram todo um conjunto de novas palavras para significar os mais profundos conceitos

científicos, mas, pela necessidade mesma de fazer servir a língua à Filosofia, contribuíram ainda para o aprimoramento de seus paradigmas casuais.<sup>1</sup>

E não só a Gramática, com efeito, ou se ordenará antes de tudo à língua escrita ou não será propriamente Gramática, senão que a escrita é a parte das línguas que de si mais capacidade tem não só de conservar-se, *mas de conservá-las*. É fato *evidentíssimo* que, por exemplo, o grego ático de um Platão ou o latim romano de um Cícero não nos teriam chegado se não fora a escrita; assim como também é fato evidente que não é senão em razão da escrita que podemos dizer, *com toda a propriedade*, que o português do Brasil e o de certas regiões dos demais países lusófonos são ainda hoje a mesma língua.

Mais que isso, todavia: o que um ensino gramatical rudimentar, combinado com a ação dos *media*, propicia nos dias de hoje no Brasil não é mais que uma *trivial* compreensão mútua de gaúchos e nortistas, porque de fato não só desaparece em geral a capacidade de escrita, mas a mesma capacidade de discurso articulado e profundo – o que infelizmente também se manifesta, e em ampla escala, em nosso próprio meio acadêmico. Pois o que por reflexo propicia mais cabalmente o bem falar é o ler bons autores e o bem escrever, tudo o que, por sua vez, não é propiciado senão pelo ensino não rudimentar da Gramática.

Como todavia chegamos a tal estado calamitoso? São múltiplas e complexas suas causas:

- uma deficiente compreensão filosófica da Linguagem e da Gramática, e que remonta a mais de dois milênios;
- o beletismo, que, conquanto se tenha intensificado com o humanismo e o Renascimento, tem origem muitos séculos antes;
- o nominalismo tardo-medieval, com sua Gramática “filosófica” ou “especulativa”, e o racionalismo pós-renascentista, com sua Gramática “lógica”, especialmente a de Port-Royal;
- a Linguística, sua pretensão a ciência, sua negação da Gramática e da importância da escrita, e sua influência daninha sobre os mesmos gramáticos;
- por fim, certo populismo que, buscando desatrelar a Gramática do carro do literário e do oratório, quer atrelá-la ao carro dos falares do “povo”.

Pois bem, nosso curso PARA BEM ESCREVER NA LÍNGUA PORTUGUESA, assim como nossa [Suma Gramatical da Língua Portuguesa](#), não só buscará explicar aprofundadamente tudo quanto se acaba de dizer, senão que será estritamente normativo, mas de modo que se superem os problemas que desde há muito tempo vêm acometendo o ensino gramatical. Com efeito, como não haveria de

---

<sup>1</sup> Cf. Émile BOUTROUX, *Aristóteles*, Rio de Janeiro, Record, 2000.

afastar ao estudante um ensino tão cheio de contradições como o que diz, primeiro, que oração é toda frase ou pedaço de frase compostos de dois termos essenciais – o sujeito e o predicado – para, depois, dizer que há oração “sem sujeito”? Ora, se isto se pode dar, então obviamente ou a oração que carece de sujeito não é oração, ou o sujeito não lhe é um termo essencial. Ademais, como pode qualquer estudante suportar que se dê, primeiro, a regra geral da chamada concordância verbal – “o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito” – para, depois, propor uma quantidade de exceções tal, que acaba por despojar a regra precisamente do caráter de regra?

Mesmo porém numa tão breve apresentação como esta, não basta apontar determinado estado calamitoso e suas causas: é preciso dizer ainda, ao menos sumariamente, **a)** a que se ordena a Gramática; e, em razão disso, **b)** em que deve fundar-se, **c)** como deve considerar-se, **d)** como deve fazer-se, **e)** como deve ensinar-se.

**a)** A Gramática ordena-se:

- antes de tudo, a constituir-se justamente como a arte da escrita – é seu objeto próprio;
- como porém a escrita é signo da fala, a normatizar (dentro de certos limites) a esta;<sup>2</sup>
- superiormente, a servir à arte-ciência da Lógica e pois à Ciência e à Sabedoria;
- e também, afinal, à Poética e à Retórica, as quais, todavia, por sua mesma índole e seus mesmos princípios e fins, só se cingirão mais ou menos estritamente à Gramática e suas regras.<sup>3</sup>

**b)** Deve fundar-se:

- antes de tudo, nos melhores escritores não literários (filósofos, juriconsultos, historiadores...) e, naturalmente, nos melhores gramáticos;
- mas também, em justa medida, nos melhores oradores e nos melhores literatos;
- e ainda nas melhores traduções ao português.

---

<sup>2</sup> “Sendo a língua o meio de que se valem os homens para comunicar uns aos outros quanto sabem, pensam e sentem, não pode ser menos que de grande a utilidade da Gramática, já para falar de maneira que se compreenda bem o que dizemos (seja de viva voz, seja por escrito), já para fixar com exatidão o sentido do que outros disseram” (Andrés BELLO & Rufino J. CUERVO, *Gramática de la Lengua Castellana*, Argentina, Editorial Sopena, 1973, p. 27).

<sup>3</sup> Como se explica detidamente em nossa *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*.

**c)** Deve considerar-se:

- como uma arte, que, como toda e qualquer arte, tem seu corpo teórico, dotado de princípios próprios, mas iluminado por princípios de outras ciências, superiores;

- como arte que é, todavia, não há de ter um corpo teórico senão para servir estritamente a seus fins práticos, assim como a teoria musical não pode servir senão à prática da composição e da execução musicais.

**d)** Deve fazer-se:

- como arte estritamente normativa da escrita, e, insista-se, dentro de certos limites, também da fala;

- para tal, deve ter sempre em vista a manutenção e o fechamento de paradigmas;<sup>4</sup>

- conseqüentemente, deve formular regras o mais possível simples e de abrangência o mais possível universal – o que implica esquivar, ainda quanto possível, as exceções.

---

<sup>4</sup> Tomamos *paradigma* em sentido lato, como se verá.